(ENTRE)LINHAS
Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFOP
Mariana, V.06, N. 01, 2026. DOI 10.5281/zenodo.24282531

Civilização em disputa: A semântica política de Juan Bautista Alberdi durante a Guerra do Paraguai

Gabriela Penna Guimarães[1]

[1] Bacharel em História, FFLCH - USP. Email para contato: gabiguimar@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XIX na Bacia do Prata foi marcada por um processo de consolidação dos Estados Nacionais que, invariavelmente, passou pelo crivo dos conflitos armados e das disputas discursivas. A Guerra do Paraguai (1864-1870), ou Guerra da Tríplice Aliança, figura como o evento bélico de maior magnitude na América do Sul, catalisando não apenas fronteiras geográficas, mas também fronteiras ideológicas. Neste cenário, as palavras não serviram apenas para descrever a realidade, mas foram mobilizadas como ferramentas de combate político, capazes de legitimar ações estatais ou condenar adversários. Entre os vocábulos mais disputados desse período, o conceito de "civilização" ocupa um lugar central, servindo de estandarte tanto para as forças aliadas (Brasil, Argentina e Uruguai) quanto para as vozes dissonantes que se opuseram ao conflito.

Juan Bautista Alberdi (1810-1884), figura proeminente da Geração de 37 e arquiteto intelectual da Constituição Argentina de 1853, emerge neste contexto como uma voz crítica contundente. Exilado na Europa, Alberdi produziu uma vasta obra que desafiava a narrativa oficial imposta pelo governo de Bartolomé Mitre. O presente artigo se propõe a analisar o conceito de "civilização" e suas variações semânticas na obra *El Imperio del Brasil ante la Democracia de América*, publicada por Alberdi em 1869, buscando compreender como o autor ressignifica este conceito-chave, tradicionalmente associado às elites liberais e unitárias das quais ele mesmo proveio, para atacar as bases da aliança com o Império do Brasil.

Para empreender tal análise, adotamos a perspectiva teórico-metodológica da História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*), fundamentada nos trabalhos de Reinhart Koselleck e Javier Fernández Sebastián. Esta abordagem entende que os conceitos não são entidades estáticas ou meros reflexos da realidade, mas sim índices e fatores de mudança histórica. Conforme

postula Koselleck, em períodos de transição ou crise, o que ele denomina *Sattelzeit*, os conceitos fundamentais sofrem acelerações semânticas, democratizações e politizações que alteram sua estrutura interna e sua relação com a experiência histórica (KOSELLECK, 2006, p. 97).

A análise seguirá um roteiro metodológico que parte da mobilização dos conhecimentos prévios sobre a sociedade argentina e o contexto bélico, passando pela identificação das palavras-chave no documento, até a reconstrução da semântica, sintaxe e pragmática do conceito de civilização. Para tanto, estabelecemos um diálogo constante entre a fonte primária de Alberdi e textos fundamentais de sua época, como Facundo: *Civilización y Barbarie*, de Domingo Faustino Sarmiento, e artigos do jornal *La América*, analisados pela historiadora argentina Victoria Baratta, além do verbete "*Civilización*" do projeto *Iberconceptos*.

O recorte temporal e temático se justifica pela necessidade de compreender as dissonâncias internas do liberalismo argentino. Enquanto a historiografia tradicional muitas vezes homogeneizou o pensamento unitário sob a égide do progresso e da civilização europeia, a postura de Alberdi revela fraturas expostas pela guerra. Embora a literatura recente sobre o autor e sobre o conflito, a exemplo dos trabalhos de Baratta (2012), Noronha de Sá (2020) e Pires Junior e Izecksohn (2020), já tenha mapeado suas posições políticas críticas em relação à Tríplice Aliança, persiste uma lacuna quanto à dimensão estritamente linguístico-temporal de sua argumentação. A contribuição original deste artigo reside, portanto, em demonstrar como a crítica alberdiana se estruturou por meio de uma reconfiguração semântica do próprio conceito de "civilização" por meio da metodologia da Begriffsgeschichte. Ao investigar como Alberdi desloca e manipula esse conceito para transformá-lo em uma acusação contra o "Brasil escravocrata" e a "Argentina mitrista", este trabalho pretende demonstrar que a oposição ao conflito não foi apenas uma dissidência política conjuntural, mas uma disputa estrutural sobre os sentidos e os horizontes da modernidade na América do Sul.

O CONTEXTO HISTÓRICO E A POSIÇÃO DE ALBERDI

Para compreender a profundidade da intervenção semântica de Alberdi, é imperativo situar o autor no complexo tecido político da Argentina oitocentista, um período marcado pelo que José Luis Romero denominou "*Era Criolla*". Este período, que se estende da independência até a consolidação do Estado na segunda metade do século XIX, foi caracterizado pela tensão entre a herança hispânica colonial e os anseios de modernização liberal (ROMERO, 1984, cap.V).

A figura dominante nas décadas de 1830 e 1840 foi Juan Manuel de Rosas, governador de Buenos Aires que, sob a égide do federalismo, exerceu um poder centralizador e autoritário. Rosas representava a ordem estancieira, o

nativismo e uma resistência às influências estrangeiras que pudessem ameaçar a soberania tradicional. Contra o regime rosista, emergiu a "Geração de 37", um grupo de jovens intelectuais influenciados pelo romantismo europeu e pelas doutrinas liberais. Nomes como Esteban Echeverría, Juan María Gutiérrez, Domingo Faustino Sarmiento e o próprio Juan Bautista Alberdi reuniam-se no *Salón Literario* com o objetivo de pensar uma nova identidade nacional que superasse a dicotomia estéril entre unitários e federais (ROMERO, 1984, cap.V).

A Geração de 37 via em Rosas a encarnação do atraso, do caudilhismo e da "barbárie". Para eles, a "civilização" era um imperativo moral e político, associado à Europa, às instituições republicanas e à cultura letrada. Contudo, a unidade desse grupo intelectual se fraturou após a queda de Rosas na Batalha de Caseros, em 1852. A vitória de Justo José de Urquiza abriu caminho para a organização constitucional, mas expôs divergências profundas sobre como essa organização deveria ocorrer.

É neste momento crucial que Alberdi se distancia de Sarmiento e do setor que viria a ser liderado por Bartolomé Mitre. Enquanto Sarmiento defendia um projeto civilizatório centrado em Buenos Aires, na educação formal e na eliminação física e cultural dos elementos "bárbaros" (o *gaucho*, o indígena) para impor um modelo europeu, Alberdi propunha um caminho distinto. Em sua obra seminal *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina* (1852), Alberdi advogava por um federalismo pragmático, focado no desenvolvimento econômico, na imigração, segundo ele "governar é povoar"[2] e, na integração material do território através de pontes, canais e ferrovias. Para Alberdi, a constituição deveria garantir a liberdade econômica antes da liberdade política plena, criando as bases materiais para a civilização (MAYER, 1963, p. 412).

[2] No original: “gobernar es poblar” (ALBERDI, 1852).

A ascensão de Mitre ao poder após a Batalha de Pavón (1861) consolidou a hegemonia de Buenos Aires sobre as províncias, um projeto liberal-conservador que marginalizou o federalismo de Urquiza e as ideias de Alberdi. Quando a Guerra do Paraguai eclodiu em 1864, Mitre apresentou o conflito como uma cruzada da "civilização", representada pela Argentina liberal e pelo Império do Brasil constitucional, contra a "barbárie", o Paraguai isolacionista de López. Alberdi, exilado na Europa, percebeu nessa retórica uma perversão dos ideais de 37. Para ele, a aliança com uma monarquia escravocrata (Brasil) para destruir uma república vizinha não era civilização, mas um retrocesso imperialista.

A obra *El Imperio del Brasil ante la Democracia de América* é uma compilação de escritos que Alberdi produziu no calor do conflito. Nela, o autor não apenas critica as ações militares, mas desmonta a retórica legitimadora da Tríplice Aliança. Alberdi insere-se nesse debate não como um defensor do caudilhismo tradicional, mas como um liberal que percebe na guerra uma traição aos princípios republicanos em nome de interesses dinásticos e territoriais,

especialmente os do Império do Brasil.

A CIRCULAÇÃO TRANSNACIONAL DAS IDEIAS E A ESFERA PÚBLICA LATINO-AMERICANA

A análise da obra de Alberdi exige também um olhar sobre a circulação transnacional de ideias, fundamental para a compreensão da política sul-americana do século XIX. Conforme aponta José Carlos Chiaramonte, as ideias políticas na região não eram meros reflexos da Europa, mas apropriações e ressignificações adaptadas às realidades locais (CHIARAMONTE, 2004, p. 89). Alberdi é um exemplo paradigmático desse intelectual mediador. Vivendo em Paris, ele estava em contato direto com o pensamento europeu, mas sua produção intelectual estava inteiramente voltada para intervir na realidade do Cone Sul.

Martín Bergel destaca a importância da imprensa periódica e das redes de exilados na formação de uma esfera pública que transcendia as fronteiras nacionais (BERGEL; ALBORNOZ, 2020). O conceito de "civilização" não era debatido apenas em livros, mas em jornais, panfletos e cartas que viajavam entre Paris, Buenos Aires, Montevidéu e Rio de Janeiro. A obra *El Imperio del Brasil ante la Democracia de América* é, em si, um artefato dessa circulação: trata-se de uma compilação de textos que Alberdi publicou em jornais como La América e enviou como correspondência para influenciar a opinião pública.

Segundo Gabriela Pellegrino Soares, os intelectuais latino-americanos atuavam como intérpretes que filtravam e adaptavam conceitos globais (SOARES, 2010, p. 45). Alberdi utilizava sua posição na Europa para legitimar seu discurso, apresentando-se como um observador imparcial e cosmopolita, capaz de ver o que os apaixonados partidários de Mitre não viam. Essa dimensão transnacional é crucial, pois Alberdi buscava mobilizar não apenas a oposição argentina, mas a opinião pública das demais repúblicas americanas e das potências europeias contra a Tríplice Aliança.

A SEMÂNTICA DA CIVILIZAÇÃO: MUTAÇÕES E DISPUTAS

Antes de adentrar especificamente na análise da reconfiguração conceitual operada por Alberdi, é imperativo mapear o uso comum e as disputas em torno do termo "civilização" no período, recorrendo à análise comparativa oferecida pelo dicionário *Iberconceptos II*. O conceito, originário do Iluminismo europeu, chegou às Américas carregado de uma valoração positiva, associado inicialmente ao refinamento dos costumes, à urbanidade e ao progresso das luzes. No entanto, ao longo do século XIX, sua semântica sofreu deslocamentos fundamentais, tornando-se uma ferramenta central de legitimação política e exclusão social.

Na Argentina, o conceito de "civilização" não foi apenas um descritor de um

estágio cultural, mas um instrumento de combate político (*Kampfbegriff*) forjado no calor das guerras civis. Segundo Fabio Wasserman, autor do verbete correspondente em *Iberconceptos II*, o termo passou por uma politização intensa a partir da década de 1830. Se inicialmente referia-se à sociabilidade e ao progresso material, a "Geração de 37" o transformou na antítese do regime de Juan Manuel de Rosas. A "civilização" passou a ser identificada exclusivamente com o projeto unitário e liberal, enquanto o federalismo rosista foi estigmatizado como a encarnação da "barbárie". Wasserman aponta que essa operação discursiva visava deslegitimar o adversário político não apenas como um inimigo, mas como uma anomalia histórica a ser superada pela marcha do progresso (WASSERMAN, 2014, p. 185).

O arquétipo dessa construção dualista é encontrado em *Facundo* (1845), de Domingo Faustino Sarmiento. A obra canonizou a espacialização do conceito: a "civilização" residia na cidade, na conexão com a Europa, nas leis escritas e no traje europeu; a "barbárie" era o deserto, o campo, a América indígena/espanhola e a figura do caudilho. Sarmiento escreve:

> O homem da cidade veste o traje europeu, vive a vida civilizada, tal como a conhecemos em todas as partes; ali estão as leis, as ideias de progresso, os meios de instrução [...] o homem do campo leva outro traje, que chamarei americano, pois é comum a todos os povos; seus hábitos de vida são diversos, suas necessidades peculiares e limitadas; parecem duas sociedades distintas, dois povos estranhos um ao outro. (SARMIENTO, 1874, p. 23, tradução própria)[3]

[3] No original: "El hombre de la ciudad viste el traje europeo, vive la vida civilizada, tal como la conocemos en todas partes; allí están las leyes, las ideas de progreso, los medios de instrucción [...] El hombre del campo lleva otro traje, que llamaré americano, por ser común a todos los pueblos; sus hábitos de vida son diversos; sus necesidades, peculiares y limitadas; parecen dos sociedades distintas, dos pueblos extraños el uno al otro."

Durante a Guerra do Paraguai, o governo de Bartolomé Mitre se apropriou dessa gramática sarmientina, transpondo a dicotomia interna para o plano internacional, o Paraguai de Solano López se tornou o novo reduto da barbárie que precisava ser extirpada para o triunfo definitivo da civilização liberal no Prata.

No Brasil, o conceito de "civilização" assumiu nuances distintas, intrinsecamente ligadas à construção do Estado Imperial e à manutenção da ordem escravista. Conforme a análise de Valdei Lopes de Araujo em Iberconceptos II, a elite política brasileira, especialmente os conservadores (saquaremas), articulou a "civilização" não como um projeto revolucionário, mas como sinônimo de Estado, ordem e monarquia. O Império do Brasil se apresentava como uma ilha de civilização cercada pela "barbárie" das repúblicas vizinhas, caracterizadas pela anarquia e pelo caudilhismo. Araujo destaca que, no Brasil, o conceito serviu para justificar a centralização política e a hierarquia social, funcionando como um dique contra a fragmentação territorial e as revoltas populares (ARAUJO, 2014, p. 201).

A singularidade do caso brasileiro residia na convivência paradoxal entre o discurso civilizatório e a escravidão. Enquanto na retórica liberal clássica a

liberdade era um pressuposto da civilização, no Brasil imperial a escravidão foi muitas vezes naturalizada ou tratada como uma etapa econômica necessária dentro de um processo civilizatório gradual e tutelado pelo Estado. Na Guerra do Paraguai, essa visão se projetou para fora, o Brasil se via como portador de uma "civilização" institucional e ordeira contra a "barbárie" tirânica de López, que desrespeitava as fronteiras e o direito das gentes.

Alberdi, portanto, escreve em oposição a essas duas tradições consolidadas e excludentes. Ele ataca a visão argentina, derivada de Sarmiento, que justificava a guerra e a eliminação do "outro" como pedagogia civilizatória, e desmonta a visão imperial brasileira, denunciando a hipocrisia de um Estado que se dizia civilizado, mas mantinha a escravidão como base de sua estrutura social (SÁ, 2020, p.25-27).

A METAMORFOSE DO CONCEITO EM ALBERDI: UMA ANÁLISE KOSELLECKIANA

Em *El Imperio del Brasil ante la Democracia de América*, Alberdi opera um deslocamento semântico radical do conceito. Ao analisar a fonte, identificamos que as palavras-chave no documento de Alberdi que orbitam o conceito de "civilização" não são mais apenas "Europa" ou "cidade", mas sim "República", "Liberdade", "Indústria", "Paz" e, crucialmente, "Abolição". Em seu texto, Alberdi agrupa e conecta palavras para redefinir o campo semântico. Ele dissocia "civilização" de "Brasil" e "Império". Para Alberdi, a estrutura política imperial e a manutenção da escravidão são antíteses da civilização no século XIX. O Império do Brasil é a negação da América, a negação da democracia, a negação da república, a negação da liberdade, a negação do progresso, e por consequência, a negação da civilização. Ele escreve:

> Tampouco o império poderia servir às Repúblicas vizinhas nos seus interesses de paz interior, de governo republicano, de centralismo, de igualdade civil sem escravos, de liberdade fluvial universal (e não só para os ribeirinhos), de comércio exterior direto, de integridade nacional, porque em todos estes grandes interesses dos países do Prata, servir a si mesmo é, para o império brasileiro, prejudicar os seus vizinhos; servir aos seus vizinhos é arruinar e destruir a própria existência do Império: tamanho é o antagonismo que divide, no fundo, os anómalos aliados. (ALBERDI, 1869, p. 9, tradução própria)[4]

Do ponto de vista da gramática política, Alberdi opera uma inversão dos "contra conceitos assimétricos" definidos por Koselleck. Tradicionalmente, o par "Civilização vs. Barbárie" funciona como uma estrutura de exclusão onde o falante detém a universalidade (Civilização) e o outro é reduzido a uma categoria inferior (Barbárie). A sintaxe de Alberdi rompe essa assimetria ao

[4] No original: "Tampoco podria el imperio servir à las Repúblicas vecinas en sus intereses de paz interior, de gobierno republicano, de centralismo, de igualdad civil sin esclavos, de libertad fluvial universal, y no solo para rivereños, de comercio esterior directo, de integridad nacional, porque en todos estos grandes intereses de los paises del Plata, servirse á sí mismo, es para el imperio brasilero, dañar á sus vecinos; servir á sus vecinos es arruinar y destruir la propia existencia del Imperio: tanto es el antagonismo que divide, en el fondo, á los anómalos aliados."

introduzir um terceiro elemento qualificador: a "constituição social". Ao gramaticalizar a escravidão como o predicado essencial do Império, ele torna sintaticamente impossível a frase "O Brasil é civilizado". A estrutura lógica que ele propõe é, onde há escravidão (sujeito), não pode haver civilização (predicado), independentemente da sofisticação das elites ou da etiqueta diplomática.

A aplicação das categorias analíticas desenvolvidas por Reinhart Koselleck permite desvelar a complexidade e a sofisticação da operação intelectual realizada por Alberdi. Para a *Begriffsgeschichte* (história dos conceitos), os conceitos não são reflexos passivos da realidade, mas índices e fatores de mudança que condensam temporalidades e disputam o futuro.

Segundo a perspectiva de Koselleck, todo conceito histórico fundamental opera uma condensação de experiências passadas e projeta um horizonte de expectativas (KOSELLECK, 2006, p. 305). No texto de Alberdi, o conceito de "civilização" sofre uma reconfiguração temporal drástica. Se para Mitre e Sarmiento a civilização era uma herança cultural a ser defendida ou imposta, a "Europa na América", para Alberdi ela se torna um projeto futuro a ser construído materialmente, indissociável da paz.

Alberdi condensa no conceito de civilização a experiência traumática das décadas de guerras civis argentinas e o horror contemporâneo da Guerra do Paraguai. Ele argumenta que a guerra, longe de ser um instrumento pedagógico de civilização, é a sua negação absoluta. "A guerra é a antítese da indústria, e sem indústria não há civilização americana possível", Alberdi já afirmava em seu texto *Bases* (1852, p. 135, tradução própria)[5]. A experiência acumulada de destruição leva Alberdi a dissociar civilização de glória militar.

[5] No original: “La guerra es la antítesis de la industria, y sin industria no hay civilización americana posible."

Simultaneamente, o conceito projeta uma nova expectativa: não a de uma sociedade de salões literários e uma civilidade ornamental, mas a de uma sociedade integrada pelo comércio, pela tecnologia e pelo trabalho livre. A civilização alberdiana olha para o futuro das trocas globais e da integração física do território, enquanto a guerra da Tríplice Aliança é retratada como um atavismo, um retorno ao passado colonial de conquista, saque e sangue. O "horizonte de expectativa" de Alberdi é uma América democrática, industrial e pacífica, e a guerra é o obstáculo que bloqueia esse horizonte.

A teoria koselleckiana indica que os conceitos variam conforme as mudanças profundas nas estruturas sociais (KOSELLECK, 2006, p. 97-98). A Guerra do Paraguai não foi apenas um evento militar, mas um catalisador que provocou rupturas nas estruturas econômicas, demográficas e sociais da região. Alberdi, com sua aguçada sensibilidade sociológica, percebe que a definição de "civilização" baseada na retórica jurídica e política não se sustenta diante da destruição material e da realidade do capitalismo industrial emergente. Ele adapta o conceito para responder a essa nova realidade global. A estrutura social que Alberdi defende como "civilizada" é a do trabalho livre, da imigração e da produção de riqueza (ALBERDI, 2001 [1852], cap. XV).

Por isso, ele aponta a contradição estrutural insanável da aliança: como pode o Império do Brasil, cuja estrutura social e econômica se baseia na escravidão, a antítese do trabalho livre moderno e da dignidade humana, ser um vetor de civilização para uma república? A partir deste questionamento, Alberdi demonstra que a estrutura social escravocrata do Brasil torna impossível, lógico e moralmente, o uso legítimo do conceito de civilização no sentido moderno e liberal. A persistência da escravidão no Brasil transforma a "missão civilizadora" em uma incongruência ideológica, revelando que a guerra não é pelo progresso, mas pela manutenção de estruturas sociais arcaicas.

Koselleck (2006, p. 105) sustenta que, embora não ocorra história sem conceitos, a realidade histórica nunca se reduz completamente à sua articulação linguística, existindo sempre um excedente, uma tensão estrutural, entre o acontecimento factual e a linguagem utilizada para descrevê-lo. Em *El Imperio del Brasil ante la Democracia de América*, Alberdi mobiliza analiticamente esse hiato entre a retórica e a realidade factual das ações políticas (ALBERDI, 1869, p. 9).

O autor evidencia a contradição entre o emprego oficial do vocábulo "civilização" pelas lideranças da Tríplice Aliança e os efeitos materiais devastadores produzidos pelo conflito bélico na Bacia do Prata (ALBERDI, 1869, p. 12). Sob essa ótica, confronta-se a linguagem diplomática dos tratados de aliança, estruturada sob as ideias de libertação e progresso, com a dimensão factual da guerra de conquista promovida pelas forças aliadas (ALBERDI, 1869, p. 24).

Essa clivagem demonstra que a retórica civilizatória institucional funcionava como uma formulação abstrata apartada das práticas concretas no Prata. O descompasso entre o discurso legitimador e a destruição material fundamenta a exigência alberdiana por uma redefinição semântica do termo, indicando a inviabilidade de conciliar o conceito moderno de civilidade com a perpetuação da violência bélica e da escravidão (ALBERDI, 1869, p. 49).

Ademais, partindo da premissa de que os conceitos fundamentais possuem uma estrutura interna e um dinamismo próprio que orienta a ação histórica (KOSELLECK, 2006, p. 101-102), Alberdi passa a tratar a "civilização" como uma categoria dotada de lógica autônoma. Em sua argumentação, a verdadeira civilidade repele as práticas de agressão violenta, o que destitui os governos de Mitre e de D. Pedro II da prerrogativa de se posicionarem como os legítimos portadores ou representantes desse princípio (ALBERDI, 1869, p. 56).

Caso se compreenda a civilização sob a égide das trocas comerciais pacíficas, do desenvolvimento técnico e do trabalho livre, a campanha militar conduzida pela Aliança passa a figurar como um elemento politicamente regressivo (ALBERDI, 1869, p. 61). O conceito, articulado em sua autonomia semântica, passa a atuar contra a narrativa oficial governista, caracterizando as ações estatais aliadas como contrárias aos preceitos modernos da sociabilidade

internacional.

Conceitos não apenas indicam mudanças ocorridas, mas também as produzem, atuando como fatores de alteração da ação política (KOSELLECK, 2006, p.97). Essa premissa é aprofundada nos ensaios de sua maturidade, nos quais o autor demonstra que a disputa linguística antecipa e molda horizontes de legitimação social (KOSELLECK, 2020). Alberdi utiliza "civilização" como um operador histórico para tentar alterar o curso da guerra e da política regional. Ele não quer apenas descrever a realidade, ele quer transformá-la através da redefinição dos fins da sociedade. É aqui que a análise do uso que Alberdi faz de termos conexos como "ferrovias", "telégrafos", "máquinas" e "indústria" torna-se central e inovadora.

Essa redefinição insere o conceito de civilização também na dimensão econômica e financeira do capitalismo global. Para Alberdi, a guerra destruía não apenas vidas, mas o "crédito" das nações jovens junto aos mercados europeus. A civilização, nessa chave de leitura, se torna sinônimo de solvência e capacidade de honrar contratos. Ao passo que a barbárie da Tríplice Aliança se manifestava no endividamento estéril junto aos bancos de Londres para financiar a destruição, a verdadeira civilização exigiria o uso desses capitais para a "conquista do deserto" através do trabalho e do investimento produtivo. Segundo Alberdi:

> Em vez de pedir à civilização industrial da Europa as suas máquinas de guerra para destruir cidades da América civilizada, o Brasil não faria melhor em pedir-lhe as suas máquinas de produção, de criação, de construção, que são os armamentos modernos de engrandecimento nacional sem crime e sem desonra? (ALBERDI, 1869, p.61, tradução própria)[6]

Para o Alberdi maduro, influenciado pelo positivismo, estes não são meros acessórios técnicos, são a materialização, a encarnação do conceito de civilização. "O inimigo do Brasil não é o Paraguai [...] é o sol da zona tórrida", argumenta Alberdi (1869, p. 60, tradução própria)[7], sugerindo que a verdadeira luta civilizatória na América do Sul é a dominação da natureza pela técnica, e não a dominação do homem pelo homem.

Ao redefinir civilização como capacidade tecnológica e industrial, Alberdi tenta operar uma mudança na mentalidade das elites dirigentes: o verdadeiro estadista não é o general que conquista províncias, mas o engenheiro e o legislador que constroem estradas e garantem a paz.

> Fazer de uma máquina um escravo, que trabalha, que transporta, que conduz, que transmite o pensamento através do espaço, que aquece, que refresca, que ataca, que ilumina, que alivia o negro escravo de seu cruel destino, no lar, nos campos, nas minas, na guerra; é o triunfo esplêndido da civilização sobre a matéria,

[6] No original: “En lugar de pedir á la civilizacion industrial de la Europa sus máquinas de guerra para destruir ciudades de la América civilisada, ¿no haria mejor el Brasil en pedirle sus máquinas de produccion, de creacion, de construccion, que son los armamentos modernos de engrandecimiento nacional sin crímen y sin deshonor?"

[7] No original: “El enemigo del Brasil, no es el Paraguay [...], es el sol de la zona tórrida.”

> triunfo sem sangue, nem vítimas, nem lágrimas. (ALBERDI, 1869, p. 61, tradução própria)[8]

Esta frase resume o giro pragmático de Alberdi: substituir a escravidão humana, base do Império, pela "escravidão" da máquina, base da civilização industrial. Ao operar essa mudança conceitual, ele oferece um novo programa de ação política, que é abandonar a guerra e abraçar o desenvolvimento material.

Finalmente, a ideia central de Koselleck de que todo conceito fundamental é polissêmico e constitui um objeto de disputa permanente na esfera social é central para compreender a intervenção de Alberdi (KOSELLECK, 2006, p. 101-102). "Civilização" é, em seus escritos, um *Kampfbegriff* (conceito de combate) por excelência. Ele entra na arena pública para disputar o monopólio de interpretação desse termo contra o poderoso aparato de propaganda dos aliados. Alberdi realiza uma inversão completa da polaridade do conceito.

Essa operação retórica é sofisticada. Alberdi não defende Solano López como um modelo de democrata, ele reconhece o autoritarismo paraguaio, mas situa o Paraguai como vítima de um mal maior e mais retrógrado. A "barbárie" paraguaia é vista como um estágio de desenvolvimento que poderia ser superado pelo tempo e pelo comércio, já a "barbárie" brasileira, por ser imperial e escravocrata, é estrutural e expansiva, ameaçando a "democracia da América".

Fernández Sebastián alerta para a necessidade de observar os "usos retóricos" e a "intencionalidade" dos atores (FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, 2009, p. 29). A intenção de Alberdi é pragmática: romper a aliança. Ao redefinir civilização como incompatível com o Império, ele tenta isolar o governo de Mitre, pintando-o como cúmplice do atraso. Ele escreve em seus textos compilados que a aliança com o Brasil é a aliança com a escravidão, com a monarquia, com o passado, é a guerra da barbárie contra a civilização nascente do Paraguai.

É possível notar a inversão dialética: o Paraguai, com sua autonomia, sua infraestrutura incipiente e sua economia voltada para dentro, é reabilitado como uma "civilização nascente", enquanto o Império e seus sócios republicanos são empurrados para o campo da barbárie devido à agressão injusta e à aliança com o escravismo. Alberdi politiza o conceito ao extremo, tornando impossível a neutralidade: ou se está com a civilização (que significa paz, república, indústria e abolição) ou com a barbárie (que significa guerra, império, escravidão e destruição).

A PRAGMÁTICA DO CONCEITO

A eficácia pragmática do discurso de Alberdi reside na construção do Brasil como o "outro" constitutivo da barbárie americana, operando um deslocamento geográfico e político da ameaça. Diferente de Sarmiento, para quem a barbárie era interna e rural (o deserto argentino), para Alberdi, na

[8] No original: "hacer de una máquina un esclavo, que trabaja, que transporta, que conduce, que transmite el pensamiento á traves del espacio, que calienta, que refrésca, que atáca, que alumbra, que releva al negro esclavo de su cruel destino, en el hogar, en los campos, en las minas, en la guerra; es el triunfo espléndido de la civilizacion sobre la materia, triunfo sin sangre, ni victimas, ni lágrimas."

conjuntura de 1860, a barbárie é externa e institucionalizada na forma do Império do Brasil.

Analisando a fonte primária, identificamos que as palavras-forte associadas ao Brasil são "escravidão", "África", "monarquia", "conquista" e "anacronismo". Alberdi agrupa esses termos para expulsar o Brasil do círculo semântico da civilização americana.

> A ação monarquista da Europa fará então sua entrada na parte desse continente povoada por 24 milhões de Americanos de origem Espanhola, pela pior das alfândegas, ou seja, por intermédio de um país português de raça, africano pelo seu clima e pela grande massa do seu povo, habitado por apenas dois milhões de homens de origem europeia, e cuja sociedade está moldada na instituição da escravidão civil. (ALBERDI, 1869, p. 49, tradução própria)[9]

Essa caracterização não é apenas um insulto retórico ou um preconceito racial, embora mobilize tropos raciais da época, mas uma manobra conceitual precisa para isolar o governo argentino de Mitre.

Ao associar Mitre ao Brasil, Alberdi o associa ao atraso e à anomalia política. Ele deslegitima o projeto unitário centralista apresentando-o não como a vanguarda da Europa na América, mas como o sócio menor de um império decadente e escravocrata. A pragmática é clara: mobilizar o sentimento republicano e americanista contra a guerra. Alberdi apela à "Democracia da América" para que se levante contra a aberração de uma guerra conduzida por uma monarquia contra uma república irmã. O conceito de civilização serve, assim, como uma ferramenta de solidariedade continental e de defesa da soberania nacional contra intervenções estrangeiras.

A redefinição conceitual proposta por Alberdi não ficou restrita aos círculos intelectuais de Paris. Conforme analisa Victoria Baratta, os escritos de Alberdi encontraram eco vibrante na imprensa de Buenos Aires, especialmente no jornal *La América*. Este periódico, voz da oposição federalista e autonomista, reproduziu os argumentos alberdianos, utilizando o conceito de civilização para atacar o governo Mitre e mobilizar a opinião pública. Baratta nota que "a oposição à guerra construiu uma representação da nação argentina que se opunha à aliança com o Brasil, vendo nesta uma traição aos princípios republicanos de 'civilização' que a Argentina deveria liderar" (BARATTA, 2012, p. 92, tradução própria)[10].

Isso demonstra que a batalha conceitual travada por Alberdi teve ressonância concreta, alimentando a resistência interna à guerra, fomentando as *montoneras* (rebeliões federais) no interior da Argentina e contribuindo para o desgaste político do mitrismo. As palavras de Alberdi, carregadas de novos significados, transformaram-se em ação política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[9] No original: "La accion monarquista de la Europa, hará entonces su entrada en la parte de ese continente poblada de 24 millones de Americanos de orígen Español, por la peor de las aduanas, es decir, por intermedio de un país portuguez de raza, africano por su clima y por la gran masa de su pueblo, habitado apenas por dos millones de hombres de orígen europeo, y cuya sociedad está amoldada en la institucion de la esclavitud civil."

[10] No original: "la oposición a la guerra construyó una representación de la nación argentina que se oponía a la alianza con Brasil, viendo en esta una traición a los principios republicanos de 'civilización' que la Argentina debía liderar."

A análise de *El Imperio del Brasil ante la Democracia de América* através das lentes da História dos Conceitos revela a complexidade e a plasticidade do vocabulário político latino-americano no século XIX. Juan Bautista Alberdi não apenas utilizou o conceito de "civilização", mas o disputou e o reconfigurou para atender às urgências de seu tempo.

Ao aplicar as proposições teóricas de Koselleck, percebemos como Alberdi operou uma condensação de novas experiências (a industrialização, a crise da soberania) no conceito de civilização, deslocando seu eixo semântico da cultura letrada para o progresso material e a liberdade civil. Ele demonstrou que os conceitos variam com as estruturas sociais, reagindo à crise da guerra com uma nova definição de modernidade que excluía o escravismo e o imperialismo.

A partir dessa perspectiva, o estudo da intervenção alberdiana oferece implicações significativas para o campo mais amplo da história intelectual latino-americana. O caso de Alberdi sublinha que a circulação de ideias no espaço continental não se reduziu a um processo passivo de importação ou "cópia" de matrizes teóricas eurocêntricas. Pelo contrário, evidencia a agência de intelectuais periféricos que, confrontados com realidades locais complexas – como a coexistência paradoxal de uma monarquia escravocrata estável e repúblicas soberanas instáveis – tensionaram e refundaram as categorias centrais do pensamento político ocidental. A ressignificação de "civilização" operada por Alberdi sinaliza uma emancipação discursiva que localiza na América do Sul o laboratório de uma modernidade alternativa baseada na paz e no trabalho livre.

Do mesmo modo, esta análise contribui para o avanço dos estudos conceituais no contexto ibero-americano, alinhando-se aos esforços metodológicos de investigações comparadas de grande escala, como o projeto Iberconceptos. O exame do debate no Prata demonstra que os conflitos transnacionais atuam como potentes aceleradores semânticos, nos quais um mesmo vocábulo fundamental (*Grundbegriff*) opera simultaneamente como indicador das fraturas estruturais e fator de mobilização partidária em múltiplas esferas públicas. A inversão da dicotomia "civilização versus barbárie" proposta pelo autor ilustra como a instabilidade semântica e a polissemia são constitutivas dos momentos de crise na região ibero-americana, tornando a luta conceitual indissociável da disputa pelo poder e pela sobrevivência institucional dos Estados.

Em suma, a contribuição de Alberdi, lida sob a luz da Begriffsgeschichte, mostra que a modernidade na América do Sul não foi um processo linear de importação de ideias, mas um campo de batalha onde conceitos fundamentais foram disputados, ressignificados e utilizados como armas. A "civilização" de Alberdi, pacífica, industrial, republicana e americanista, permanece como um contraprojeto poderoso à "civilização" bélica e excludente que triunfou temporariamente nos campos de batalha do Paraguai, lembrando-nos que a

história é feita tanto de aço quanto de palavras. A História dos Conceitos, portanto, prova-se uma ferramenta indispensável para escavar as camadas de sentido que sustentam as narrativas nacionais e regionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERDI, Juan Bautista. *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001.

_____. *El Imperio del Brasil ante la Democracia de América*: Colección de los últimos escritos dados a luz. París: Imprenta A. E. Rochette, 1869.

ARAUJO, Valdei Lopes de. Civilización (Brasil). In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (Dir.). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano*: Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Tomo II, vol. 1. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales (CEPC), 2014. p. 197-210.

BARATTA, Victoria. La oposición a la Guerra del Paraguay en Buenos Aires. Un análisis de las representaciones de la nación argentina en el periódico La América (1866). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 13, pp. 83–108, 2012.

BERGEL, Martín; ALBORNOZ, Martín. Introducción. Dossier: Prensa periódica, intelectuales y mundialización:'momentos globales en la esfera pública de Buenos Aires (1870-1940). *Prismas, Revista de historia intelectual*, Buenos Aires, n. 24, pp. 147-157, 2020.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Nación y Estado en Iberoamérica.* El lenguaje político en tiempos de las independencias. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2004.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*: Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Introducción: Hacia una historia atlántica de los conceptos políticos. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (Dir.). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano*. La era de las revoluciones, 1750-1850. Madrid: Fundación Carolina, 2009.

HALPERIN DONGHI, Tulio. *Uma nação para o deserto argentino*. Tradução Gênese Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023. (Ensaios Latino-americanos; 12)

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

_____. *Histórias de conceitos*: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

MAYER, Jorge M. *Alberdi y su tiempo*. Buenos Aires: EUDEBA, 1963.

PIRES JUNIOR, Arnaldo Lucas; IZECKSOHN, Victor. *Juan Bautista Alberdi, a Guerra do Paraguai e os Revisionismos Históricos*. Diálogos, Maringá, v. 24, n. 3, pp. 132-154, 2020.

ROMERO, José Luis. *Breve historia de la Argentina*. 10. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

_____. *Las ideas políticas en Argentina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1984. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/.

SÁ, Maria Elisa Noronha de. Juan Bautista Alberdi e o Império do Brasil: olhares cruzados sobre a construção das nações no século XIX. *Almanack*, Guarulhos, n. 25, ea00619, 2020. Disponível em: http://doi.org/10.1590/2236-4633252200619.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo*: Civilización y Barbarie. París: Librería Hachette y Cia., 1874.

SOARES, Gabriela Pellegrino. A Revue des Deux Mondes em face da América espanhola oitocentista: projeções imperiais e apropriações nacionais. In: BEIRED, J. L.; CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. (Orgs.). *Intercâmbios Políticos e Mediações Culturais nas Américas*. Assis: FCL-UNESP Publicações, 2010.

WASSERMAN, Fabio. Civilización (Argentina). In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (Dir.). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano*: Conceptos políticos fundamentales, 1770-1870. Tomo II, vol. 1. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales (CEPC), 2014. p. 183-196.

Civilização em disputa: A semântica política de Juan Bautista Alberdi durante a Guerra do Paraguai

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as mutações e usos políticos do conceito de "civilização" na obra El Imperio del Brasil ante la Democracia de América (1869), de Juan Bautista Alberdi, no contexto da Guerra do Paraguai (1864-1870). A metodologia empregada se baseia na História dos Conceitos (Begriffsgeschichte), ancorada nas proposições teóricas de Reinhart Koselleck e Javier Fernández Sebastián, focando na semântica histórica, na pragmática discursiva e na temporalização dos conceitos. A análise confronta a fonte primária com o clássico Facundo, de Domingo Faustino Sarmiento, e com a imprensa opositora do período, especificamente o jornal La América, além de utilizar o dicionário Iberconceptos para o mapeamento lexical. O estudo investiga como Alberdi subverte a dicotomia sarmientina "civilização versus barbárie", deslocando o atributo de civilidade das formas europeias e centralistas para um republicanismo americanista, ao mesmo tempo em que caracteriza o Império do Brasil e a aliança mitrista como agentes de uma nova barbárie institucionalizada pela escravidão e pela guerra de conquista. Conclui-se que Alberdi instrumentaliza o conceito de civilização como uma arma retórica (Kampfbegriff), redefinindo-o para deslegitimar a Tríplice Aliança e propor uma modernidade alternativa, pautada na paz, no comércio e na soberania das repúblicas sul-americanas, evidenciando a plasticidade dos conceitos políticos em tempos de crise.

Palavras-chave: Civilização. Guerra do Paraguai. História dos Conceitos. Juan Bautista Alberdi. Pensamento político argentino.

Civilization in dispute: The political semantics of Juan Bautista Alberdi during the Paraguayan War

Abstract: This article analyzes the mutations and political uses of the concept of “civilization” in Juan Bautista Alberdi’s El Imperio del Brasil ante la Democracia de América (1869), in the context of the Paraguayan War (1864–1870). The methodology is grounded in Conceptual History (Begriffsgeschichte), drawing on the theoretical propositions of Reinhart Koselleck and Javier Fernández Sebastián, with a focus on historical semantics, discursive pragmatics, and the temporalization of concepts. The analysis confronts the primary source with the classic Facundo by Domingo Faustino Sarmiento, as well as with oppositional contemporary press, particularly the newspaper La América, and uses the Iberconceptos dictionary for lexical mapping. The study investigates how Alberdi subverts the Sarmientine dichotomy of “civilization versus barbarism,” displacing the attribute of civility from European and centralist forms toward an Americanist republicanism, while simultaneously characterizing the Brazilian Empire and the Mitrist alliance as agents of a new barbarism institutionalized through slavery and wars of conquest. The article concludes that Alberdi instrumentalizes the concept of civilization as a rhetorical weapon (Kampfbegriff), redefining it in order to delegitimize the Triple Alliance and to propose an alternative modernity grounded in peace, commerce, and the sovereignty of South American republics, thereby highlighting the plasticity of political concepts in times of crisis.

Keywords: Civilization. Paraguayan War. Conceptual History. Juan Bautista Alberdi. Argentine political thought.

Recebido em: 23 de janeiro de 2026
Aprovado em: 10 de junho de 2026